

Compartilhado. Cabemos. —J.

Se você encontrar, devolva dobrado.

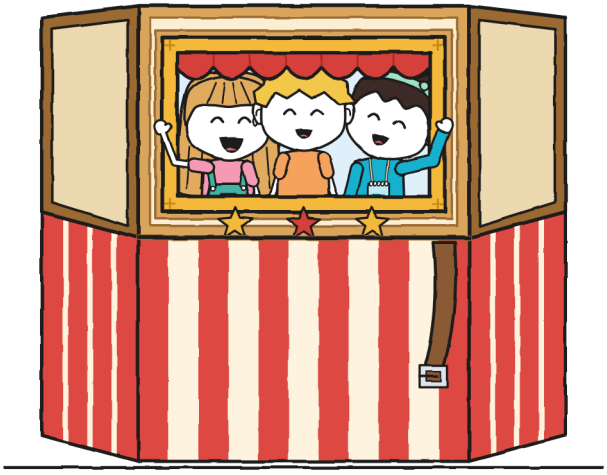


Este carimbo marca o que só acontece na história: dragões de verdade não existem e pacotes não voltam voando. Para um transporte de verdade, veja a última página. —J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 6

Um lugar para três

LinguAula



(o caderno do Guto)

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 6

Um lugar para três

Sexto livro da série. Os anteriores: “Este pacote morde”, “Não abrir antes do trovão”, “Devolver, por favor”, “Aqui não, Migalha!” e “Um bolo para dois”.

Texto e ilustrações: LinguAula

Versão em português: LinguAula

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

Primeira edição: 2026

© 2026 LinguAula · info@linguaula.com

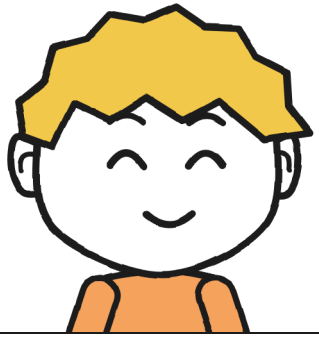
Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Tipografias: Andika, Patrick Hand, Caveat e Courier Prime (licença SIL OFL).

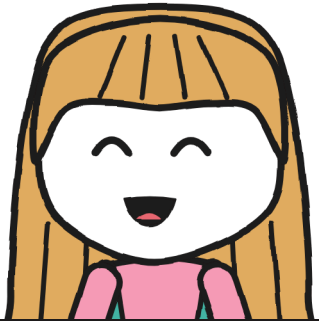
Trabalhe cada capítulo em
linguaula.com

Em três. Minha alça. –J.

QUEM É QUEM



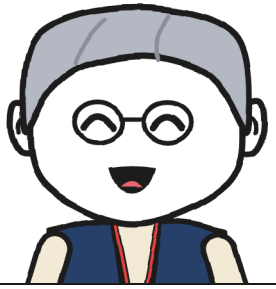
Guto. Mede em centímetros. Nesta semana conta também outra coisa.



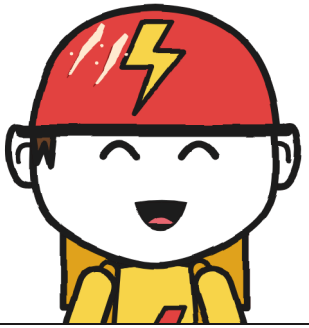
Júlia. Sabe o caminho. Explicar é outra coisa.



Noa. Amiga da Júlia de antes. Mede em passos: sempre os traz consigo.



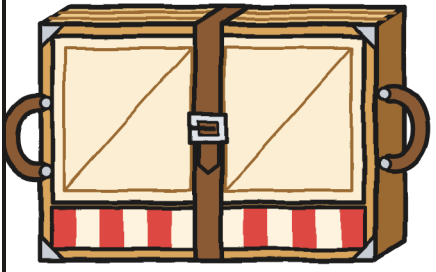
Irene. Coordena a oficina de teatro. Não diz por onde: diz "pare".



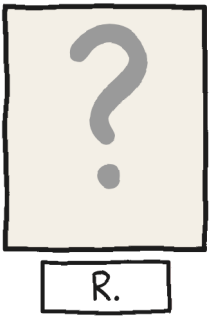
Toninho. Da RAIO e da loja. Cronometra e não opina. Quase.



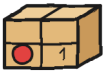
Mara. Empresta o pacote. A caixa ela não solta.



O nº 6. Um teatro que cabe numa caixa. Se ninguém segurar a correia, abre onde quer.



R. Remetente. Dessa vez deixou uma linha num inventário.



CAPÍTULO 1

Por que são necessários três?

O caderno 5 terminou com dois ponteiros num mostrador, e eu o fechei assim, sem pedir que nenhum saísse dali. Um caderno terminado fica como você o deixou. É a vantagem deles: ninguém pode mais discuti-los.

O 6 é laranja. Laranja de tangerina, dessas que se descascam inteiras de uma vez se você não tiver pressa, e também leva o carimbo da loja num canto. A Mara o deixou no balcão, ao lado do rosa, e foi para os fundos arrumar umas caixas que já estavam arrumadas. A Mara não entrega os cadernos: deixa onde você vai olhar.

Para a primeira página eu tenho uma tradição. No 2 escrevi OFICIAL; no 3, SECRETO; no 4, DEFINITIVO; no 5, TRANQUILO. Quatro palavras com fechadura, e as quatro a Júlia leu antes de todo mundo, eu inclusive. Desta vez procurei uma palavra que já contasse com isso.

Em cima escrevi CADERNO DE ENTREGAS 6 · do Guto, que é o que se escreve. Embaixo, uma única palavra:

COMPARTILHADO.

E deixei meia página livre, por via das dúvidas. Não sabia por via de quais dúvidas. Descobri logo: não ficou livre nem um minuto.

A Júlia estava do outro lado do balcão. Não me pediu o caderno; puxou-o com um dedo, destampou a canetinha verde e escreveu na meia página com uma letra tão grande que chegou à margem, pensou um pouco e continuou pela margem. Depois tampou a canetinha com cara de "não fui eu", que é uma cara que naquela loja já é de todo mundo.

Eu compartilhei a primeira página com a minha letra. –J.

Medi o que ela ocupava: a metade de baixo, inteira. A minha palavra, com todo o ar que eu tinha deixado em volta, ocupava a de cima. Duas metades. Achei uma divisão muito razoável.



O de sempre, para quem chega a este caderno sem ter passado pelos outros. A loja se chama Entregas Impossíveis e é da Mara, que é bruxa, usa chapéu roxo e tem um carimbo que, quando carimba, solta faíscas com cheiro de vela apagada. Na prateleira da esquerda ela guarda os devolvidos: pacotes que ninguém conseguiu entregar, todos mandados por R. Se quem recebe um deles não assina a etiqueta com tinta que não apaga, ao amanhecer o pacote volta voando para a sua prateleira. Eram vinte. A Júlia e eu entregamos cinco: um ovo de dragão, umas

sementes com pernas, um sininho, uma equipe de chegada e um suporte para a padaria da Elisa. Na parede, em letra verde, está escrito RESTAM 15. O Toninho, o da RAIO, tem o seu lugar numa caixa virada de cabeça para baixo, junto aos banquinhos. Por enquanto.

Na segunda-feira, um dia depois do bilhete da Elisa, saí da escola e fui direto para a loja. A Júlia me esperava no balcão com um envelope na mão. Não era verde nem azul, que são as cores de envelope que eu conheço. Era turquesa e estava fechado. Ela o segurava com dois dedos, por um canto, como se queimasse.

— Foi o carteiro que trouxe. Está escrito "À loja Entregas Impossíveis". Faz um tempinho que não abro.

— Quanto tempo?

— Vinte e oito minutos — disse o Toninho da caixa dele, olhando o relógio. — Recorde do bairro.

Estava de capacete dentro da loja, com os dois risquinhos de garra, e o relógio por fora da manga, para não perder tempo arregaçando.

Eu conheço a Júlia. Um envelope fechado, nas mãos dela, dura o que ela leva para achar a aba. Vinte e oito minutos não eram paciência. Eram outra coisa, e eu não soube qual.

Não era meu. Os envelopes que não são meus pesam o triplo. —J.

A Mara o abriu com a unha, sem rasgar mais papel do que o necessário. A carta tinha letra clara, de adulto, dessas que não entortam no fim da linha:

"Sou a Irene, responsável pela oficina de teatro do centro comunitário. Ao atualizar o inventário, encontrei uma linha: 'Teatrinho dobrável: pendente de recebimento'. Vocês estão com ele? No sábado, dia 31, é a gincana do bairro. Se o teatrinho chegar dobrado ao nosso pátio, levado por uma equipe de três, eu assino ali mesmo. Na equipe da Noa há lugar para três e, por enquanto, só tem ela."

Embaixo, com outra letra, pequena e reta, em turquesa:

"Júlia: sou eu! Agora faço teatro. Traga alguém que entenda de pacotes. —Noa".

A Júlia leu a assinatura e a boca dela subiu de um lado só, como quando se lembra de algo que não pretende contar. Disse "Noa" baixinho, do jeito que se diz o nome de uma rua por onde você já passou mil vezes.

"Alguém que entenda de pacotes". Esse era eu. De "pacotes" eu gostei. De "alguém", menos.



Às cinco chegaram as duas.

A Irene trazia uma pasta, um colete azul-marinho cheio de bolsos e um apito pendurado no pescoço. Tinha o cabelo curto e grisalho e óculos redondos, e com eles percorreu a loja prateleira

por prateleira, como quem faz inventário sem que ninguém tenha pedido. A Noa trazia uma caderneta pendurada num cordão e um lápis turquesa atrás da orelha. O cabelo, num coque alto de cachos, preso com um lenço verde-menta; a blusa, turquesa, como o envelope. Tudo nela parecia posto no lugar para não precisar procurar.

A Júlia saiu de trás do balcão sem abrir a portinhola, por baixo, e elas se abraçaram. Se abraçaram tanto tempo que deu para eu medir: onze segundos. Fiquei de lado, com o caderno. Um caderno também serve para isso: para ter algo nas mãos.

— Este é o Guto — disse a Júlia. — Entende de pacotes.

— Oi, Guto que entende de pacotes — disse a Noa. E anotou o meu nome na caderneta.

Anotou inteiro, com o sobrenome que acabava de me dar. De onde eu estava, vi que eu era a segunda linha da página. A primeira dizia "Júlia" e tinha um traço embaixo, como as coisas que já estão feitas.

A Mara subiu no banquinho azul e tirou da prateleira o nº 6. Uma caixa igual a todas, nem maior nem menor. A etiqueta tinha cinco linhas à máquina: Nº 6. OFICINA DO PÁTIO. ENTRADA PELAS DUAS PORTAS. ENTREGAR DOBRADO. E embaixo, como sempre, REMETENTE: R. Em volta, nove carimbos de DEVOLVIDO.



— Nove carimbos — disse a Júlia.

— "As duas portas" — leu a Noa. — Que duas portas?

A Irene não sabia. A Mara também não. Eu anotei com um ponto de interrogação, que é o que anoto quando não sei uma coisa e quero que conste que percebi.

— Levei nove vezes — disse a Mara. — Às segundas, quem abria era a costura. Às quartas, o coro. Às sextas, o xadrez. "A oficina? Aqui não é." Ninguém assinava por uma oficina.

Desenhei enquanto ela falava, em três quadrinhos: a Mara, com a caixa debaixo do braço, diante da mesma porta, e na porta, cada um na sua vez, uma agulha com linha, uma nota musical e um cavalo de xadrez, que não dizia nada porque no

xadrez se fica calado. Embaixo, a caixa entrando pela janela da loja ao amanhecer. Nove vezes.

— O teatro ensaia no pátio — disse a Irene. — E no pátio não tem campainha.

Abriu a pasta e mostrou à Mara uma folha com um carimbo do centro. A Mara a leu com o nariz bem perto, que é como ela lê o que pretende levar a sério.

— Agora está no registro: "Oficina de teatro. Responsável: Irene". Por uma oficina, agora alguém assina.

— Agora que tem quem assine, por que a Mara não leva dentro da caixa dela, como o suporte da Elisa? — perguntou a Júlia.

— Na minha caixa eu levei nove vezes — disse a Mara. — Agora quem põe as condições é quem recebe.

— Um teatrinho dobrável é para levar às praças — disse a Irene. — Preciso ver que a minha turma consegue levá-lo pela rua. Se não conseguir, não me serve. E eu não assino o que não me serve.

— Isso eu já ouvi numa padaria — disse a Mara.

Eu tinha uma pergunta desde que li a carta, e fiz antes que se gastasse.

— E por que são necessários três?

Perguntei de verdade. Um fardo com duas alças; duas pessoas, uma em cada alça. Eu tinha contado nos dedos e dava dois.

Ninguém riu. A Irene me olhou por cima dos óculos, como se olha uma peça que encaixa melhor do que parecia.

— Boa pergunta. Na terça, no pátio, vocês me respondem.

A Mara abriu o livro dela e anotou as condições. As da Mara cabem sempre numa mão; contei nos meus dedos e sobrou o polegar:

- Nº 6: emprestado para ensaiar.
- Sai com a Irene ou comigo.
- Volta dobrado.
- Dorme aqui.

A etiqueta fica na caixa, e a caixa, com a Mara.

Dormindo na prateleira, ao amanhecer não tem para onde voltar. Continua em nove carimbos. Perguntei. —J.



Na terça fomos ao pátio do centro comunitário. Da calçada, a entrada é um portão de ferro com muitas camadas de tinta, que se fecha sozinho: você solta e ele volta, devagar, até dar um clique, como um cachorro que senta sem que ninguém mande.

A Mara pôs a caixa no chão e soltou a tampa. Ao sair, o teatrinho cresceu, como o suporte da Elisa. Eu já não me assusto: pego a fita.

Fechado, era um fardo chato de painéis de madeira e pano, com uma alça de cada lado e uma correia que passava por uma

fivela de três furos. Um metro por setenta centímetros e, de lado, um palmo. O portão, com a folha aberta, noventa centímetros. De lado, cabia pelo portão. Isso era o fácil.

Antes de mais nada, a Irene quis ver se estava inteiro. Soltou a correia e girou o fardo. Os painéis se abriram sozinhos, pelo próprio peso, um depois do outro: clac, clac, clac. Um palco com três paredes, uma cortina curta e uma janela com moldura no painel do fundo.

Pela janela se via o Toninho, que passava pela calçada com um sanduíche. Estava com a boca cheia. Não pôde cumprimentar. Ficou parado um momento, emoldurado, de capacete, com uma bochecha mais gorda que a outra, como o retrato de alguém importante pintado na hora do almoço.

— Está inteiro — disse a Irene. — Regra da oficina: as mãos nas alças. Nas dobradiças, nunca. E nas curvas, alguém segura a correia.



Anotei tal e qual.

A Irene e a Mara o dobraram e prenderam a correia.

— A gente testa — disse a Júlia. A Noa já estava na outra alça.

Não se olharam para decidir. Nem sequer disseram: cada uma foi para o seu lado como se vai para a cadeira de sempre.

Contaram até três e o levantaram. Conseguiam. Deram uma volta no pátio, devagar, com os cotovelos um pouco abertos, e o teatrinho ia entre as duas sem balançar, como uma bandeja bem carregada. Chegaram ao portão. O portão estava fechado.

A Júlia olhou para ele. A Noa olhou para ele. Elas tinham quatro mãos e as quatro estavam ocupadas.

Eu estava a dois metros, com as minhas duas livres e um caderno.

A Irene, ao fundo, com a pasta contra o peito, não disse nada. Nem "ajude-as" nem "você".

Segurei o portão com as costas. Elas passaram. A Irene anotou alguma coisa na pasta.



Naquela tarde inventei o aparelho deste caderno. É o quinto da minha carreira, depois do tremômetro, do vermelhômetro, do aquiômetro e do barulhômetro, e o primeiro que não mede uma pessoa, e sim várias ao mesmo tempo. Chamei de O MEDIDOR DE

TRÊS, “quem faz o quê em cada trecho”. Uma linha por trecho e três casinhas, cada uma com o seu desenhinho:

- CARREGAR: duas mãos em duas alças.
- ORIENTAR: dizer por onde e quando.
- ABRIR PASSAGEM: portas, meios-fios, gente.

Na primeira linha, “pátio, primeira tentativa”, pus “Júlia e Noa”, “Júlia e Noa” e uma casinha vazia. Na segunda, “pátio, segunda tentativa”, a mesma coisa, mas na terceira casinha pus “Guto”.

Dois nomes repetidos e uma casinha vazia: não passa. Com a casinha cheia, passa. Eu já tinha a resposta para a Irene, e era minha.

E anotei outra coisa, menor: “Um portão também se segura com uma pedra”.

Escrevi com o lápis quase sem apertar.



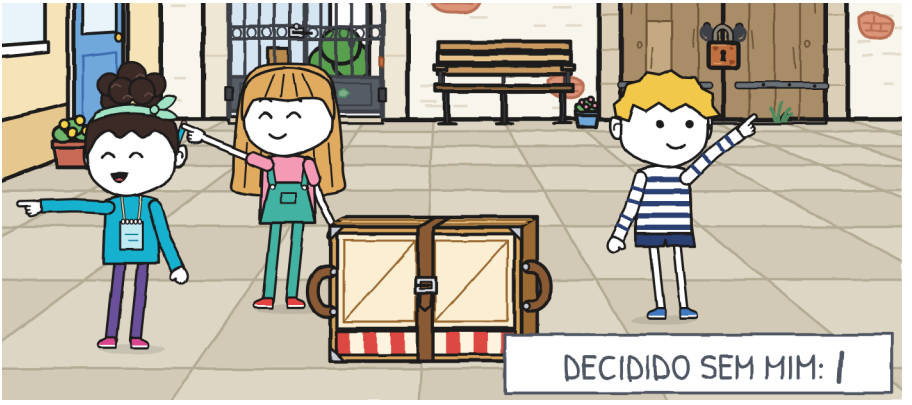
Faltava entender a etiqueta.

— As duas portas são as duas folhas do portão — disse a Júlia.

— Tem que abrir as duas — disse a Noa.

— Podemos medir primeiro o muro por fora — eu disse.

Apontamos os três ao mesmo tempo. A Júlia, o portão. A Noa, a sala da oficina. Eu, a rua.



— Depois — disseram as duas.

Disseram ao mesmo tempo e com a mesma música, como se tivessem ensaiado. Tinham ensaiado, suponho. Durante anos.

Fui eu sozinho. Saí pelo portão, que se fechou atrás de mim com o seu clique, e dei a volta no muro medindo com a fita, trecho a trecho, anotando cada número no caderno apoiado no joelho. O muro era comprido e dava para um beco com cheiro de água parada. E ali, na volta, encontrei uma coisa.

Voltei depressa, com a coisa na cabeça e a fita ainda sem enrolar, arrastando um metro de amarelo pela calçada. Quando entrei, a Júlia e a Noa estavam rindo de algo de antes de eu chegar ao bairro. Riam com os ombros, sem fazer barulho, e a Noa tocava o braço da Júlia para ela parar, e a Júlia não parava.

Abri a boca.

— Já está decidido, Guto — disse a Júlia. — São as duas folhas.

No canto de baixo da página, pequeno e a lápis, escrevi: DECIDIDO SEM MIM. E ao lado, um risquinho. Escrevi com a boca ainda aberta.

Fechei a boca. E o caderno.

Esse risquinho eu vi dois dias depois. Era meu. –J.

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Este livro existe em seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e em mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L contam a história página por página, com os mesmos desenhos e cada vez mais nuances. O XL é o romance: a mesma história, com espaço para tudo o que o Guto pensa e não diz.

Níveis do QECR indicativos: XXS, pre-A1 · XS, A1 · S, A2 · M, B1 · L, B2 · XL, B2–C1.

Cada um no seu tamanho. O mesmo teatrinho. –J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com (com as atividades do tamanho L)